CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

“NÃO COMPREENDIA BEM O SENTIDO”: as pesquisas sobre a linguagem escrita na Educação Infantil

Elizangela Silva Mesquita[1]

Adriana Leite Limaverde Gomes[2]

Eixo temático: 04 – Alfabetização e infância

Resumo: Neste artigo objetiva-se apresentar um levantamento bibliográfico de trabalhos publicados (artigos, dissertações ou teses) que abordam os usos da linguagem escrita na Educação Infantil e a perspectiva das crianças pequenas acerca de suas experiências com esse objeto cultural. A fundamentação teórica apoia-se nas ideias conceituais de Baptista (2022), Girão e Brandão (2021) e Smolka (2012) no que versa sobre a relação das crianças pequenas com esse objeto cultural. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica, por estar ancorada nas pesquisas resultantes da busca efetuada no portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Identificaram-se 39 trabalhos, entre teses e dissertações, nos quais se realizou uma análise criteriosa do título e do resumo os correlacionando com o objeto de estudo, e obtiveram-se como resultado duas dissertações: Oliveira (2018) e Pinheiro (2018). Conclui-se que as pesquisas destacam a linguagem escrita como uma das linguagens que corroboram o desenvolvimento integral das crianças. Além disso, verificou-se a relevância de conhecer a perspectiva dos meninos e das meninas para ampliar as suas experiências por meio de vivências em que a escrita tenha sentido e seja significativa para elas.

Palavras-chaves: Linguagem Escrita; Educação Infantil; Criança; Interação; Interlocução.

Introdução

> Se eu pudesse correr, [...] molhar-me, enlamear-me, deitar barquinhos no enxurro e fabricar edifícios de areia, com o Sabiá [...]. Seria uma criatura viva, alegre.
> (Graciliano Ramos, Infância)

Os desejos infantis de comunicar as ideias através do uso de signos são algo que fica na memória de muitos adultos, e, ao mesmo tempo, é observável esse sentimento nas crianças quando relatam que vão escrever, ler seus rabiscos, usar determinados materiais para expressar suas ideias, inclusive com o uso de gravetos no chão do quintal, à sombra das

[1]Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Supervisora Escolar da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Contato: elizangelasilvamesquita@gmail.com
[2]Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professora Associada III da Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Departamento de Teoria e Prática do Ensino. Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da linha de pesquisa Linguagem e Práticas Educativas. Contato: adrianalimaverde@ufc.br

mangueiras (FREIRE, 2009). Certamente, os meninos e as meninas demonstram uma vivacidade e alegria, como bem retratado por Graciliano Ramos (1986) na epígrafe supracitada, quando a vivência é significativa para elas.

Assim como a epígrafe, o título e os subtópicos deste artigo contêm trechos do romance “Infância” do referido escritor brasileiro, obra em que ele apresenta uma concepção de criança empregada no século XIX e XX: sujeito impotente e desprezível. E, ainda, exprime que as experiências com a linguagem escrita aconteciam de forma mecanizada, com a repetição do nome das letras e sílabas, em um contexto de práticas punitivas. Consideramos que as ideias do escritor em destaque, possam trazer inquietações e colaborar para que os educadores reflitam sobre as concepções que permeiam sua ação pedagógica com as crianças na primeira infância, estando cientes de que, a depender das experiências vividas por elas nesse ambiente educativo, a escola da infância contribui para a subalternidade ou emancipação.

Apesar dos estudos e das pesquisas realizados acerca da linguagem escrita na área da Educação Infantil (FERREIRO, 2010; SMOLKA, 2012; SOARES, 2017; entre outros), ainda nos deparamos com muitas incompreensões, por parte dos educadores, com relação ao “o que é” a linguagem escrita e ao “como” possibilitar que as crianças vivenciem experiências com esse objeto cultural.

Com base nessas incompreensões, indagamos: o que as pesquisas apontam sobre os usos da linguagem escrita na Educação Infantil e a perspectiva das crianças pequenas? Para responder a essa questão, realizamos um levantamento bibliográfico de trabalhos publicados (artigos, dissertações e teses) sobre os usos da escrita na Educação Infantil e a perspectiva das crianças pequenas sobre o uso dessa linguagem no contexto da instituição educativa, a fim de elucidar a relevância das experiências dos meninos e meninas com esse objeto cultural.

A pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, por estar ancorada nas pesquisas do portal eletrônico da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)[3]. De acordo com Gil (2021, p. 28), as pesquisas bibliográficas são “[...] elaboradas principalmente com base em material já publicado [...] que se propõe a analisar posições diversas em relação a determinado assunto”.

Na BDTD, realizamos uma busca pelas palavras “escrita”, “linguagem escrita” e “educação infantil”, resultando em 39 trabalhos, entre teses e dissertações. Aplicamos o filtro de busca para o período de 2017 a 2021, no intuito de compreender a publicização do documento Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) para a Educação Infantil, resultando no total de 14 pesquisas (duas teses e 12 dissertações). Desse total,

[3] Corresponde a um ambiente digital que integra teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/. Acesso em 22 fev. 2023.

fizemos uma análise criteriosa do título e do resumo os correlacionando com o objeto de estudo, o que resultou em duas dissertações (OLIVEIRA, 2018; PINHEIRO, 2018) as quais serão ponderadas no decorrer do diálogo.

Na continuidade, abordaremos os usos da linguagem escrita na Educação Infantil. Em seguida, apresentaremos o que as pesquisas apontam sobre a temática em estudo e acerca de possíveis conclusões sobre a relevância da linguagem escrita na instituição educativa que assiste as crianças pequenas.

2 “Desejava que me explicassem a região de hábitos curiosos”: a linguagem escrita na Educação Infantil

Na Educação Infantil, a linguagem escrita, além de outras tantas (plástica, corporal, musical etc.), é uma das múltiplas linguagens que as crianças usam para expressar e comunicar suas ideias. Como é uma linguagem constituinte do patrimônio cultural, as crianças se relacionam com esse objeto antes mesmo de adentrar o ambiente escolar.

Na instituição educativa, as práticas pedagógicas relacionadas à escrita precisam ser desenvolvidas sistematicamente, imbuídas de intencionalidade pedagógica, considerando os interesses das crianças e as suas necessidades, motivando-as a explorarem e refletirem sobre esse sistema de representação.

De acordo com Baptista (2022),

> Espera-se, isso sim, um trabalho pedagógico a ser desenvolvido com as crianças, desde bebês, que seja capaz de apoiá-las no seu processo de apropriação de uma prática cultural, que, como tal, requer habilidades simbólicas, repletas de sentidos e significados para os sujeitos que dela participam. [...] Portanto, o que se espera priorizar, nas classes de bebês e demais crianças pequenas, são situações que despertem a curiosidade sobre as palavras, sobre os seus significados e também sobre como escrevê-las e lê-las, que façam com que as crianças gostem, queiram saber cada vez mais e que se sintam confiantes na sua capacidade de apropriar-se desse importante instrumento psíquico. (p. 19)

Aguçar o interesse das crianças e fortalecer a sua autoconfiança no que se refere aos usos da linguagem escrita em situações que demandam uma necessidade real são aspectos que configuram a principal função da Educação Infantil. As crianças precisam vivenciar experiências que lhes possibilitem ouvir, criar e recontar histórias, ler textos de memória, escrever de modo espontâneo, comunicar suas ideias, expressar seus sentimentos, para que possam se autoafirmar como escritoras, embora ainda não escrevam convencionalmente.

Contudo, essa postura da escola da infância reverbera as concepções de criança, infância e Educação Infantil, pois segundo Girão e Brandão (2021),

> [...] é preciso frisar que acreditar na escrita *dos* e *com* os pequenos implica partir de uma compreensão positiva da criança, entendendo-a como sujeito potente, de fala e de ação, que interage com a cultura, interpretando-a e recriando-a através da sua

> maneira de ver o mundo, com elementos específicos de seu universo, da infância, ou das infâncias situadas em diferentes tempos e espaços. (p. 41, grifos da autora)

Partindo do pressuposto que as crianças são cidadãs capazes detentoras de direito e que a escola da infância tem a função de articular os saberes delas com os construídos socialmente, além de considerar que essas concepções também devem constar expressas na proposta curricular da instituição, a escrita é uma linguagem viva que denota sentido e se integra às vivências das crianças no cotidiano da instituição educativa, fazendo valer a sua função social. Assim, a instituição de Educação Infantil precisa valorizar as escritas infantis, encorajando os meninos e as meninas nas suas tentativas de registro escrito, potencializando a interação e a interlocução entre elas, entre elas e os adultos e o mundo letrado.

Nesse processo dialógico, discursivo e significativo (SMOLKA, 2012) as crianças vão se apropriando da escrita, levando hipóteses sobre esse sistema de representação e estabelecendo relações com a funcionalidade e os usos desse objeto cultural, assumindo o papel de protagonistas no seu dizer ao escrever ou ao conceber o educador como escriba das suas ideias. Conforme a autora supracitada, “no movimento das interações sociais e nos momentos das interlocuções, a linguagem escrita se cria, se transforma, se constrói, como conhecimento humano” (SMOLKA, 2012, p. 60).

Desse modo, reportamo-nos ao menino do romance Infância (GRACILIANO RAMOS, 1986), o qual declara abertamente que os textos vistos na escola estão distantes dos seus interesses, explicitando a preponderância do professor no inteirar-se do que é significativo para as crianças na intenção de ampliar os seus desejos de escrever – também, de ler e de se expressar por intermédio das “cem linguagens” (MALAGUZZI, 1999).

Para assegurar às crianças na Educação Infantil o direito à linguagem escrita, é preciso romper com a perspectiva simplista do traçado das letras, da memorização de sílabas, e possibilitar que elas experienciem a língua escrita em situações que demandem pensar “o que, para que, como”, corroborando a apropriação desse sistema, que é complexo.

3 “Queria ouvir histórias, risadas, cantigas”: resultados e discussão

No levantamento das pesquisas no portal eletrônico da BDTD, foi constatada a diversidade de temáticas que permeiam a linguagem escrita na Educação Infantil, como: apostilados de ensino para a Educação Infantil; concepções e práticas docentes; game a serviço da cultura escrita; dos tempos e do espaço da leitura e da escrita; entre outros. Contudo, após aplicação de filtro e análise dos trabalhos, somente duas pesquisas se encontraram relacionadas com a linguagem escrita na Educação Infantil e a perspectiva das crianças sobre esse objeto de conhecimento, conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 1: Organização das pesquisas analisadas

PORTAL	ANO/TIPO DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO	AUTOR(A)
BDTD	2018 Dissertação	As crianças do último ano da educação infantil e sua relação com a aprendizagem da escrita: sujeitos, móbeis e sentidos	OLIVEIRA, Rejane Maira Dias de Orientador: Prof. Dr. DIEB, Messias Holanda
BDTD	2018 Dissertação	Escrita na educação infantil: experiências e sentidos de crianças	PINHEIRO, Monalysa Themistocles da Silva Orientadora: Profa. Dra. LOPES, Denise Maria de Carvalho

Fonte: Arquivo da autora (2023).

Pinheiro (2018), na sua pesquisa intitulada “Escrita na educação infantil: experiências e sentidos de crianças”, ressalta que a linguagem é um meio de interagir com o mundo, sendo a escrita um registro que precisa ser vivido e aprendido enquanto prática com função social vinculada “[...] às necessidades humanas de comunicar, registrar, guardar, transmitir, dizer e pensar” (p. 75). A autora, ainda, faz referência ao lugar de destaque na sociedade dos sujeitos que detêm essa tecnologia, apontando o ensino significativo da escrita como uma possibilidade de romper com a visão reducionista de criança, linguagem escrita e Educação Infantil, contribuindo para uma sociedade mais igualitária. A pesquisadora elegeu como participantes de seu estudo as crianças com idade entre cinco a seis anos incompletos, a professora e a coordenadora do agrupamento. Com a análise dos dados, indicou que a escrita para as crianças expressa diferentes sentidos, como: “1) É desenhar; 2) É usar instrumentos para escrever; 3) Fazer letras/alfabeto; 4) Fazer nomes; 5) Fazer atividades vinculadas à escola; 6) Estudar para ser inteligente; 7) Fazer ‘coisas de adulto’; 8) Algo que se faz para outra pessoa; 9) Algo que é vivido fora da escola” (p. 89). Para Pinheiro (2018), esses sentidos de escrita atribuídos pelas crianças estão intricados com as experiências delas na instituição educativa e em outros ambientes sociais. Porém, é nas experiências fora da escola que a escrita lhes parece mais significativa.

Em conformidade com a autora referenciada, Oliveira (2018) salienta que as crianças precisam vivenciar “experiências desafiadoras, significativas e diversificadas com a escrita” (p. 147), destacando as “interações, brincadeiras, situações de uso social e exploração das suas múltiplas linguagens” (p. 147) como um meio de ressignificar o uso da escrita no contexto educativo e de aproximar as crianças dessa linguagem. Participaram dessa pesquisa crianças com idade entre 5 e 6 anos, do último ano da Educação Infantil de uma escola pública municipal de Fortaleza. Na produção dos dados, a autora se deteve a escutar a perspectiva das crianças sobre “para que aprender a escrever” e os usos desse objeto na instituição educativa.

As acepções defendidas por Pinheiro (2018) e Oliveira (2018) de escrita enquanto uma das linguagens utilizadas pelas crianças para expressar e comunicar suas ideias em uma

relação de sentido e significado são apregoadas na Resolução nº 05/2009, documento de caráter mandatório que fixa as Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil, a qual, no seu artigo 9º, aborda que as interações e a brincadeira são os eixos estruturantes das práticas pedagógicas e, no inciso III desse mesmo artigo, que os meninos e as meninas precisam interagir com a linguagem escrita e conviver "[...] com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos" (BRASIL, 2009).

Nesse sentido, a instituição educativa precisa conhecer os interesses, as necessidades e as opiniões das crianças para possibilitar a elas experiências significativas, considerando as reais situações do seu uso, como: a escrita da agenda do dia não para "aprender a escrever", mas construir coletiva ou individualmente o intuito de informar às crianças a organização das vivências durante o seu tempo na instituição ou informar às famílias o que foi vivenciado por seus filhos na instituição educativa; a escrita do nome próprio não se resume à repetição para memorizar as letras, mas como uma situação de assinar/identificar as suas produções e tantas outras atividades.

Contudo, ainda nos deparamos com atividades mecanizadas, exaustivas, de repetições de letras, sílabas e palavras, desprovidas de sentido para as crianças. Práticas que "desconsideram as especificidades da escrita enquanto linguagem, da criança enquanto sujeito que possui singularidades [...] e da Educação Infantil enquanto etapa educativa cuja função é promover o desenvolvimento integral das crianças, contemplando as diversas linguagens que a constituem" (PINHEIRO, 2018, p. 78).

4 "Eu precisava ler, não os compêndios escolares, insossos, mas aventuras, justiça, amor": algumas considerações

"O que é" e "como" possibilitar a linguagem escrita no contexto da instituição de Educação Infantil ainda gera muitas incompreensões nos profissionais que atendem a essa faixa de idade, acarretando atividades descontextualizadas e mecanizadas.

As pesquisas de Pinheiro (2018) e Oliveira (2018) apresentam contribuições significativas para repensar o desenvolvimento de práticas pedagógicas que envolvam a escrita na instituição de Educação Infantil, visto ser uma linguagem que faz parte do patrimônio cultural.

Concluímos, então, que a instituição educativa precisa desempenhar o importante papel de conhecer as necessidades dos meninos e das meninas e ampliar as suas experiências por meio de situações em que a escrita seja utilizada na sua função social, pois, como bem cita Malaguzzi (1999, p. 90), "quanto mais for a gama de possibilidades que oferecemos às crianças, mais intensas serão suas motivações e mais ricas suas experiências".

Diante do exposto, não pretendemos esgotar as reflexões sobre o assunto, mas aguçar o interesse para a realização de outros estudos e pesquisas que aprimorem o saber e o fazer docente na Educação Infantil e assegurem o direito das crianças no acesso à linguagem escrita.

Referências

BAPTISTA, Mônica Correia. **As crianças e o processo de apropriação da linguagem escrita**: consensos e dissensos nos campos da alfabetização e da educação infantil. Revista Brasileira de Alfabetização, n. 16, p. 15-32, 24 mar. 2022. Disponível em: https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/585. Acesso em: 26 mai. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 26 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 27 mai. 2023.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 25. ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 50. ed.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GIRÃO, Fernanda Michelle Pereira; BRANDÃO, Ana Carolina Perussi. A leitura e a escrita *das* crianças e *com* as crianças. In. BRANDÃO, Ana Carolina Perussi; ROSA, Ester Calland de Sousa (Orgs.). **A aprendizagem inicial da língua escrita com crianças de 4 e 5 anos:** mediações pedagógicas. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MALAGUZZI, Loris. História, idéias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

OLIVEIRA, Rejane Maria Dias de. **As crianças do último ano da educação infantil e sua relação com a aprendizagem da escrita**: sujeitos, móbeis e sentidos. 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/35109. Acesso em: 29 nov. 2022.

PINHEIRO, Monalysa Themistocles da Silva. **Escrita na Educação Infantil:** experiências e sentidos de crianças. - Natal, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/27425. Acesso em: 29 nov. 2022.

RAMOS, GRACILIANO. (1892-1953). **Infância.** Posfácio de Octávio de Faria, ilustrações de Darcy Penteado.22ª ed. Rio, Record, 1986.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2017.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 13. ed., São Paulo: Cortez. 2012.